

A CATEGORIA LITERÁRIA DO *TESTIMONIO* COMO DISCURSO DO SUBALTERNO NA AMÉRICA LATINA

*Sidney de Moraes Sanches**

Resumo

Temos, na América Latina, o desenvolvimento de uma literatura de testemunho/*testimonio*. Em seus inícios, o *testimonio* era parte de um programa político de reconstrução da identidade nacional baseada nas diversas identidades silenciadas e excluídas nos projetos coloniais e modernizadores impostos desde fora sobre a América Latina. Desse modo, o testemunho foi articulado como um modo de construir relações solidárias com grupos e indivíduos subalternos por meio de um discurso confrontador dos discursos hegemônicos vigentes. Perguntamos se ainda há lugar para o *testimonio* institucional ou não institucional na América Latina de hoje e no mundo globalizado; se a antiga literatura *testimonial* perdeu seu sentido e propósito neste início de novo século; se novas categorias testemunhais são possíveis. Um protótipo da funcionalidade atual do testemunho está presente no romance contemporâneo brasileiro.

Palavras-chave

Testimonio. América Latina. Subalternidade. Literatura.

Introdução

Genericamente, testemunho é o ato de alguém falar o que viu ou ouviu a outra pessoa. O testemunho está em uma posição intermediária e mediadora entre o acontecido, a pessoa que fala e a quem ela fala. O testemunho não é uma repetição nem uma reprodução do ocorrido, mas uma representação. Desse modo, o testemunho apresenta como evidência do evento o próprio testemunho. Ele não aponta para o acontecido, pois esse já é passado. Poderia oferecer provas, mas elas não teriam valor e nem fariam sentido sem o testemunho. Portanto, o acontecido deixa de existir por si e passa a viver no testemunho. Se o testemunho acaba também se extingue o sucedido.

Ainda que a testemunha não seja tão fundamental para a validade do testemunho, ela é tão importante e necessária quanto ele. É correto esperar que ela seja fiel e verdadeira naquilo que relata em seu testemunho. Também é justo esperar que a testemunha se comprometa até as últimas consequências com o seu testemunho, por vezes, com o custo da própria vida ou reputação, de onde vem a palavra tão associada à testemunha na Antiguidade greco-romana e, particularmente cristã, o mártir.

* Doutor em Teologia. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. PNPd/CAPES. E-mail: sidney@sabercriativo.com.br

A testemunha é alguém que fala de si e a partir de si mesma. Sua personalidade, história de vida e convicções estão presentes e são relevantes para o testemunho. Esse somente será válido ou veraz ou bem atestado se a testemunha fala desde dentro do acontecido, expondo suas impressões, sensações, percepções, intuições e juízos formados anteriormente e posteriormente ao testemunho dado. Nesse caso, o testemunho é fonte, mas a testemunha é sua intérprete.

1. Literatura de testemunho/*testimonio* latino-americana: Origens e Questões Básicas

Temos, na América Latina, o desenvolvimento de uma literatura de testemunho/*testimonio*. O seu ambiente de surgimento e formação é a América Latina de fala espanhola dos anos de 1960. Especificamente no Caribe, com Cuba, e na América Central, com Nicarágua e Guatemala.

Em seus inícios, o *testimonio* era parte de um programa político de reconstrução da identidade nacional baseada nas diversas identidades silenciadas e excluídas nos projetos coloniais e modernizadores impostos desde fora sobre a América Latina. Ele possuía caráter potencialmente conflitivo devido a seu viés ideológico marxista-socialista em um período de intensa polarização global durante a Guerra Fria. O testemunho reivindicava para si uma ampla política de comprometimento e solidariedade com as testemunhas e as suas condições de enunciação.

O Professor John Beverley definiu o *testimonio* como uma arte da memória absolutamente necessária dirigida “não simplesmente para a memorização do passado, mas a construção futura de uma nação mais heterogênea, democrática e igualitária” (BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 16). Conforme ele:

[...] a autoridade do testemunho deriva do fato de que o narrador é alguém que tem presenciado ou experimentado na própria pessoa – ou indiretamente através da experiência de amigos, familiares, vizinhos, etc – os acontecimentos que narra. O que dá forma e sentido a esses acontecimentos - isto é, o que os torna história – é a relação entre a sequência temporal dos acontecimentos e a sequência da vida do narrador ou narradores, plasmada na estrutura verbal do texto testemunhal (BEVERLEY, 2002, p. 10).

Alguns problemas críticos de natureza epistêmica, literária e ética tiveram que ser enfrentados para que o *testimonio* alcançasse a condição de representação literária de certo momento histórico latino-americano.

Do ponto de vista epistêmico, Margaret Randall justificou o *testimonio* latino-americano como parte importante de um esforço de libertação e superação da historiografia contada a partir da classe hegemônica (RANDALL, 2002, p. 33-57). Por meio dele, dava-se voz a um representante que podia contar a história como realmente aconteceu porque a vivenciou por inteiro desde seu ponto de vista.

O impedimento epistêmico do testemunho estaria no caráter de instantâneo da realidade. Por isso, ele somente poderia ser compreendido dentro da história maior. Esse era o trabalho a ser feito por um interlocutor que funcionava como gestor do testemunho. Ele deveria deixar a testemunha falar e transcrever o testemunho da forma mais responsável, não omitindo nada, colocando-se simpaticamente no lugar da testemunha. Com a transcrição em mãos, o gestor faria a edição do testemunho ligando a voz, que é o testemunho central, com o material de apoio, que é o testemunho lateral. O processo de edição consistia na depuração dos testemunhos e na montagem final visando a máxima comunicabilidade do testemunho em uma narrativa sequencial. O desfecho do processo era um livro de testemunho:

[...] há muitos modos de montar um livro de testemunho. Pode-se fazer de maneira cronológica, por temas, em um só plano ou em vários. A matéria-prima que temos nos deve dar as ideias mais acertadas acerca de como editá-lo. Pode-se fazer ligeiras mudanças nas respostas de forma tal que tudo fique como um relato continuado (RANDALL, 2002, p. 56).

Segundo Beverley, o obstáculo epistêmico estava na cultura moderna dominante porque hegemônica e baseada na escrita e na escritura. O testemunho se sustentava na oralidade como texto pré-literário e paraliterário. Apenas após a transcrição que ele se convertia em texto literário. O texto oral dava voz ao subalterno enquanto que o texto literário permitia àquele acostumado à leitura a oportunidade de receber o testemunho. Desse modo, oralidade e escritura se misturavam e se faziam representar no mesmo gênero. De maneira que o testemunho:

[...] é e não é “narrativa oral”; é e não é “documental”; é e não é literatura; concorda e não concorda com o humanismo ético que manejamos como nossa ideologia prática acadêmica; afirma e ao mesmo tempo desconstrói a categoria do “sujeito”. [...] o testemunho está situado na intersecção das formas culturais do humanismo burguês, como a literatura e o livro (ou a desconstrução acadêmica), engendradas por e relacionadas com as práticas do colonialismo e o imperialismo, e essas práticas culturais subalternas que amiúde constituem seu “conteúdo” narrativo-descritivo (BEVERLEY, 2002, p. 20).

Um pouco mais complicado era lidar com a questão da verdade narrativa no testemunho e a sua justificação. Ela estava atrelada à vivência subjetiva da realidade e não à observação distante e imparcial de dados e informações metodicamente reunidas como nos estudos históricos e antropológicos. O testemunho brota da memória que seleciona o que quer narrar.

Beverley insiste que o testemunho vale mais pelo seu efeito ético-estético e sua função prática do que seu conteúdo cognitivo. Ele mais representa esteticamente a realidade do que a descreve. Seu discurso mescla o real e o imaginário na medida em que ele conta para o efeito testemunhal. Desse modo, a verdade narrativa está mais para o papel do Narrador na literatura, para onde o testemunho migrou, do que para a ciência histórica e antropológica, no papel do informante. A verdade do testemunho é um modo de ver a realidade que deve ser colocada junto e ao lado de outras verdades igualmente válidas para o conhecimento da realidade.

Do ponto de vista ético, Beverley entende que essa configuração epistêmica do testemunho é justificada conforme o seu objetivo: a representação de uma realidade em uma forma discursiva oral visando a formação de redes de solidariedades locais e globais e provocando o engajamento nas lutas de libertação latino-americanas.

Essa ética da solidariedade eleva o testemunho à condição de despertador de consciências e de incitador de uma *práxis* transformadora da realidade. Como exemplo, Georges Yúdice aponta a primeira novela-testemunho sobre a história de um escravo fugitivo nos anos de 1969. Seu autor, Miguel Barnett, definiu o testemunho como um gênero literário tipicamente latino-americano onde um escritor tinha por missão:

[...] desenterrar histórias reprimidas pela história dominante, abandonar o Eu burguês para permitir que os testimonialistas falem por conta própria, recriar a fala oral e coloquial dos narradores-informantes, e colaborar na articulação da memória coletiva (YÚDICE, 2002, p. 221).

Desse modo, o testemunho foi articulado como um modo de construir relações solidárias com grupos e indivíduos subalternos por meio de um discurso confrontador dos discursos hegemônicos vigentes. Seu fim era o reconhecimento e a mudança das condições sociais e políticas na sociedade. A partir da narrativa testemunhal de um indivíduo criava-se uma história exemplar que servia de estímulo para a conscientização e comprometimento com a realidade de um grupo e até uma nação inteira (ACHÚGAR, 2002, p. 61-83).

2. O lugar atual para a literatura de testemunho/*testimonio* latino-americana

Visto sua longa história literária, perguntamos se ainda há lugar para o *testimonio* institucional ou não institucional na América Latina de hoje e no mundo globalizado; se a antiga literatura *testimonial* perdeu seu sentido e propósito neste início de novo século; se novas categorias testemunhais são possíveis.

Beverley insiste que não se deve ignorar o lugar do testemunho na esfera política contemporânea. Com o fim da Guerra Fria, as transformações políticas e as mudanças globais que vêm alterando as configurações das sociedades latino-americanas, e o declínio das grandes narrativas, o testemunho funciona como pequena narrativa alternativa à prática cultural hegemônica dominante na modernidade. Ele serve para potencializar os novos atores políticos dando-lhes espaço e voz permitindo que influenciem as mudanças e transformações sociais.

Atualmente, e em escala global, o testemunho tende a dar voz a novos subalternos: o camponês, o indígena, a mulher, o negro, o pobre, o posto à margem, falsamente representado a partir de um discurso hegemônico que ou os exclui ou os dilui em uma retórica de hibridização ou mestiçagem cultural que atende aos interesses do mercado capitalista global transnacional.

A abordagem acadêmica ainda é um modo de criar laços de solidariedade entre uma parte da comunidade acadêmica e os povos carentes de representação no mundo globalizado. Por meio dele, suas vozes são ouvidas em espaços que somente os acadêmicos podem dar lugar. Ao mesmo tempo, podem apelar para a construção de novas formas de solidariedade global em favor desses povos postos à margem e somente presentes e visíveis através do seu testemunho.

Segundo Yúdice, o testemunho continuou importante na América Latina dos anos de 1980 em diante devido à falência dos modelos políticos sob as ditaduras marxistas ou regimes neoliberais. Ele promoveu um novo marco civil onde movimentos sociais podiam se comunicar uns com os outros e criar laços de solidariedade gestando por si mesmas novas políticas culturais para comunicação e expressão de si na esfera pública.

Se bem que nem todos os testemunhos latino-americanos surgem no contexto da opressão de indígenas, como no caso de Menchú, pode dizer-se, não obstante, que todos nascem em um estado de emergência – desastres da natureza ou do conflito humano, conflitos políticos, opressão, insuficiência econômica, novos e desacostumados modos de vida, etc. – que não tem podido ser resolvidos pelos poderes vigentes, por sua total incapacidade (falta de recursos no novo neocolonialismo econômico) ou por sua falta de vontade (YÚDICE, 2002, p. 236).

Agora, no testemunho, o subalterno representa a si mesmo e sua comunidade deixando ver outro retrato contestador da realidade conforme representada. Seu testemunho reforça a importância das distinções multiculturais e multi-identitárias como composição de co-identidades nacionais respeitadas das diferenças e do lugar de cada uma delas na sociedade, onde a ênfase

[...] do testemunho não cai na representação de sujeitos já constituídos (o povo, o agente histórico revolucionário, etc.), mas na *práxis* conscientizadora. Essa *práxis*, além disso, subverte os marcos de referência do sujeito cognoscente da modernidade hegemônica. [...] O testemunho pode ser entendido como representação da luta, porém sua função mais importante é servir de vínculo solidário entre diversas comunidades. Assim, pois, sua política cultural atravessa fronteiras e identidades estabelecidas em prol de uma transformação democratizadora (YÚDICE, 2002, p. 239, 240).

No modo de ver de Fernández Benítez:

[...] a estética da solidariedade foi um molde ideológico que respondeu a necessidades da academia estadunidense em um momento preciso e que não foi adequada para diferentes *corpora* testimoniais. Cremos que o gênero do testemunho é muito mais amplo e que não se esgota nem em uma só categoria esgrimida nem em uma só variante canonizada (BENÍTEZ, 2010, p. 47-71).

O foco exclusivo do testemunho nas fraturas e traumas do cotidiano das pessoas e dos povos provocados por acontecimentos instantâneos ou por exclusões pontuais conduzem à perda da totalidade da experiência vivida da qual elas fazem parte e de onde tiram seu sentido e significado. Assim:

Cremos que não seria mal falar de um tipo de ética/estética da cotidianidade para caracterizar esta dimensão do testemunho que, sem embargo, não foi a priorizada pelos *testimonial studies*, mas, antes, ignorada em detrimento das experiências extremas resultantes de uma ruptura do cotidiano. [...] Por isso estamos convencidos

de que o testemunho tem, todavia, um futuro muito promissor em função de novas relações interculturais e de convivência ética (BENÍTEZ, 2010, p. 52, 63).

Conforme Benítez, o *testimonio* continua sendo um gênero literário narrativo que pode produzir outros textos testemunhais até então ignorados. É preciso renovar o tipo de conhecimento provido pelo testemunho e também a representatividade que oferece trazendo para o cenário contemporâneo novas vozes que façam frente ao momento de alienação, marginalização e exclusão promovidas atualmente.

Esta episteme deveria servir de base para explorar outro tipo de experiências testemunhadas e fundar-se um marco teórico anticolonial/anticapitalista garantidor de um reordenamento do poder nas alienantes relações sociais do mundo contemporâneo, onde os sem voz (o poder da voz) tenham uma segunda oportunidade discursiva e de (auto) representação no plano social e do conhecimento, e onde o real-cotidiano esteja precisamente no encontro solidário e de correalização com a outridade, de maneira que esse encontro permita outras possibilidades de simbolização e, portanto, novas estéticas, como resultado de novos processos (BENÍTEZ, 200, p. 68).

Fernández Benítez oferece quatro exemplos de testemunhos que favorecem sua tese de que há muito espaço ainda para o *testimonio* hispano-americano (BENÍTEZ, 2015, p. 393-406). Os testemunhos foram obtidos através da investigação antropológica a partir de convivências com indígenas de quatro povos diferentes do Cone Sul e incorporados em obras literárias publicadas em língua espanhola.

Sua característica principal é narrar a vida de um ou mais personagens representativos da situação comum aos povos indígenas no processo de negociar a sobrevivência em sua inserção nas sociedades hispano-americanas. Seu valor está na preservação da memória desse acontecimento favorecendo a permanência de seus traços culturais. Conforme ele:

A importância desses textos é central para enriquecer o *canon* testemunhal latino-americano, pois constituem um *corpus* que pode contribuir para a elaboração de novas categorias de análise – em vista de suas especificidades estéticas, políticas e de seus respectivos contextos de produção – que permitam dar uma visão mais complexa do fenômeno das práticas testemunhais na América Latina. Com este propósito, os testemunhos que em seguida se analisam – e cujos narradores pertencem a sociedades autóctones de distintas regiões culturais da América do Sul – contribuem para caracterizar a diversidade e riqueza da produção testimonial da área do Cone Sul (BENÍTEZ, 2015, p. 394).

3. Literatura de testemunho no romance brasileiro contemporâneo

O crítico literário brasileiro João Camillo Penna (PENNA, 2003, p. 297-350) entende que ainda há lugar para o testemunho atualmente mesmo após o desinteresse de certa vanguarda liberal acadêmica norte-americana. O testemunho retém a capacidade de falar e narrar do encontro da pessoa humana com as “experiências do corpo que sofre com a fome, com algo que resiste à simbolização da narrativa, e que apesar de tudo, apesar dela própria, a narrativa revela” (PENNA, 2003, p. 345). Ele diz:

Mas quem sabe não o corpo, a dor ou a fome que os críticos do testemunho esperavam e desejavam, mas a política da escuta desses corpos sentindo dor e com fome, que

continuamos tendo que atestar, apesar e por causa deles não provocarem a prática e a ação que projetávamos sobre eles, que queríamos que eles realizassem por nós, para redimir o nosso desejo repressivo culpado, mas que, confirma a nossa culpa, e sem resolvê-la, acusa sempre a nossa culpa irrevogável, o testemunho não deixa de contar. Este é e continua sendo o real do testemunho (PENNA, 2003, p. 346).

Um protótipo dessa funcionalidade atual do testemunho está presente no romance contemporâneo brasileiro. Ana Paula Brandileone e Vanderléia Oliveira mostram que a nova narrativa brasileira é heterogênea, diversificada e híbrida, mesclando e dissolvendo as fronteiras entre ficção e não-ficção. Sua característica maior é o excesso de realismo centrado na *vida real*, na vida *como ela é*. Essa literatura se representa como: “biografias e reportagens históricas, confissões, diários, cartas, relatos de viagens, memórias, revelações de paparazzi, autobiografias e, claro, autoajuda” (BRANDILEONE, OLIVEIRA, 2014, p 23-30).

Prefere-se o realismo imediato de uma experiência que cause impacto direto no leitor à semelhança do que ele mesmo vive e com o que possa se identificar instantânea e imediatamente. Por conta das condições atuais de vida na cidade prefere-se uma linguagem ultrarrealista e mais próxima da violência bruta experimentada cotidianamente pelo leitor. Aproxima-se da realidade dos grupos marginalizados e excluídos das grandes cidades.

Relevante dizer que nesse contexto não basta dar voz aos grupos excluídos da sociedade e/ou da história “oficial” por vezes que buscam falar em nome deles; o que importa é o olhar de dentro, do próprio excluído, de onde deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-o assim agente da sua própria história (BRANDILEONE; OLIVEIRA, 2014, p. 26).

Um dos resultados dessa escrita é a literatura dedicada a expor e defender as causas e vivências desses grupos criando uma *escritura de testemunho*, onde o próprio grupo excluído narra sua história focado em seu contexto e cotidiano. A escritura procura criar um efeito de realidade misturando ficção e testemunho anulando a distância entre autor e narrador onde ele se coletiviza no esforço por deixar a comunidade falar a partir de si mesma. Procura-se pela verossimilhança com a referencialidade imediata à voz que pode ser ouvida em seu próprio discurso sem a mediação hegemônica de um dominante.

Conclusão

A partir dos anos de 1960, o subcontinente latino-americano, especificamente sua parte hispânica, foi envolvido em um conjunto de transformações sociais onde buscou-se pelo protagonismo e visibilidade de parte da população até então invisibilizada porque reduzida à condição de simples receptora das decisões políticas das quais era alienada por regimes estrangeiros ou da classe dirigente política interna aliada aos interesses externos. Um modo de viabilizar a atuação dessa população foi o recurso ao discurso do testemunho editado na forma escrita criando uma literatura de testemunho/*testimonio*. Ela serviu para chamar a atenção para

outras narrativas na América Latina hispânica que até então ignoradas ou marginalizadas. As transformações sociais contínuas e as mudanças dos regimes políticos exige da literatura testemunial que se refaça à luz das novas condições sociais e políticas atuais a fim de dar voz e vez aos novos atores no cenário latino-americano globalizado que prosseguem reclamando vez e voz em onde realidades diversas.

Referências

ACHUGAR, Hugo. Historias paralelas/ejemplares: la historia e la voz del Otro In: BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo (Ogs.) La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 61-83.

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, vol. 4, n. 7, 1991: p. 73. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BENÍTEZ, Hans M. Fernández. “The moment of testimonio is over”: problemas teóricos y perspectivas de los estudios testimoniales. Íkala. Revista de Linguagem e Cultura. Vol. 15, núm. 24, 2010: p. 47-71. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v15n24/v15n24a3.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BENÍTEZ, Hans M. Fernández. Testimonios indígenas conosureños: convivencias excluyentes? In: Avatares del Testimonio en America Latina. Kamchatka. Revista de Análisis Cultural. Número especial. 2015: p. 393-406. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/71056228.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo (Ogs.) La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegações, v. 7, n. 1, p. 23-30, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/14250/11958>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Acesso em: 10 ago. 2017.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: Notas sobre o testemunho hispano-americano. SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, Memória, Literatura. Campinas: Unicamp, 2003, p. 297-350.

RANDALL, Margaret. Qué es y cómo se hace un testimonio? In: BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo (Ogs.) La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 33-57.

YÚDICE, George. Testimonio y Conscientización. In: BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo (Ogs.) *La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidad y Verdad Narrativa*. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002, p. 221-242.